

A Selvagem Grande e a Selvagem Pequena distam 15 quilómetros uma da outra. Existem dois países mais pequenos em área que as Selvagens: o Vaticano (44 hectares) e o Mónaco (195 hectares). A Selvagem Grande tem uma área equivalente a 245 campos de futebol.



As ilhas Selvagens constituem uma das mais importantes colónias de aves marinhas do Atlântico. No caso da Selvagem Grande, assumem particular importância as populações de cagarra (*calonectris diomedea*), de alma-negra (*bulweria bulwerii*), de pintainho (*puffinus assimilis*) e de roquinho (*oceanodroma castro*), bem como ainda de calca-mares (*pelagodroma marina*). É de referir ainda a população de correcaminho (*anthus berthelotti canariensis*) ali existente. Na Selvagem Pequena, destacam-se as colónias de calca-mares e a nidificações ocasionais de gaivina-rosada (*sterna dougallii*) e gaivina-de-dorso-preto (*sterna fuscata*).

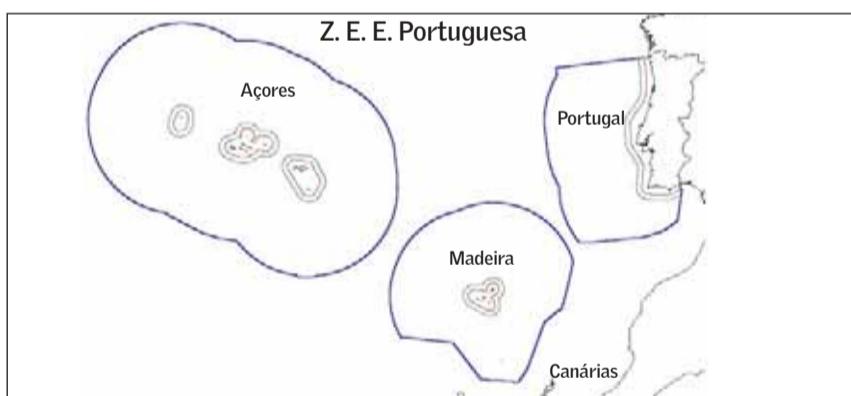


A bordo da corveta NRP João Roby viajaram para as Selvagens três vigilantes do Parque Natural da Madeira que foram substituir outros tantos colegas que terminaram a habitual comissão de 21 dias.



A vegetação endémica da Selvagem Grande e a população de cagarras - que esteve em perigo devido à caça intensiva de que foi alvo durante anos - têm vindo a recuperar satisfatoriamente.

Depois da retirada total das cabras e dos coelhos, os ratos estão desde algum tempo dados como extintos, isto a julgar pela total ausência de roedores apanhados nas armadilhas que ainda continuam no terreno.



gens atingiu talvez o seu nível mais "quente". Entre Abril e Outubro de 1996, as ilhas foram sobrevoadas - voos rasantes - por parte de aviões militares espanhóis e até houve lugar à simulação de aterragem de um helicóptero na Selvagem Grande.

Coincidência ou não, a questão das Selvagens voltou a ganhar relevância em meados da década seguinte e novamente com os "nuestros hermanos" na liderança. Mas desta feita os protagonistas foram pescadores furtivos, oriundos das Canárias, a revelar um total desrespeito pela autoridade portuguesa e, pior ainda, a ameaçar a vida dos vigilantes do Parque Natural, na Selvagem Pequena, em Junho de 2005.

No episódio mais perigoso de todos, que foi avançado pelo DIÁRIO, o bote dos vigilantes do Parque Natural da Madeira destacados na Selvagem Pequena foi abalroado por uma

manhã de sábado na Selvagem Grande vai permanecer na zona cerca de um mês. A projecção desta força através da corveta NRP João Roby - navio que atinge uma velocidade máxima de 22 nós e que possui uma guarnição total de 72 militares - serviu o propósito de transmitir um sinal claro de que a Marinha de Guerra de Portugal está atenta ao que se passa nas ilhas Selvagens e que está a envidar esforços para que os seus navios sulquem com mais frequência os mares do extremo sul do território nacional.

Convém sublinhar que a fragata NRP "Corte-Real" fez questão de bordejar as Selvagens, em Abril deste ano, quando em trânsito para uma missão de apoio à política externa em Angola e, depois, pairar ao largo das ilhas durante algumas horas no regresso para Lisboa, num movimento claramente programado para ser "acompanhado" pela Marinha Real

de duas lanchas de grande potência quando ia solicitar a sua retirada. No incidente, um vigilante e um biólogo foram ainda ameaçados pelos pescadores espanhóis que empunhavam uma arma de fogo e espingardas de caça submarina.

A gravidade da situação levou então o Governo da República, através da Marinha de Guerra, a tomar a decisão inédita de enviar, de forma aleatória mas frequente, efectivos e meios militares para o subarquipélago. E em boa hora o fizeram, já que, ao que tudo indica, em consequência dessas missões o mar das Selvagens só tem sido sulcado por embarcações e navios que respeitam a natureza e a lei.

A força de oito fuzileiros da Armada e dois elementos da Polícia Marítima que desembarcou durante a

aves que existem no chão, no segundo é preciso alguém que conheça bem a zona, pois a navegação naqueles águas é extremamente perigosa devido à existência de imensas ilhotas e rochedos submersos a baixa profundidade e que podem aflorar inadvertidamente com o efeito da ondulação ou da maré.

Após a missão em curso, que é coordenada pela Autoridade Marítima Nacional, com o apoio do Comando Naval e da Zona Marítima da Madeira, deverá suceder-se uma outra durante o próximo mês, com uma dimensão semelhante, quer em termos dos meios empregues quer quanto ao seu tempo de duração.

Durante o Inverno, as missões não deverão realizar-se devido às condições do mar habitualmente revoltoso que, aliado aos numerosos recifes e baixios, torna o desembarque nas ilhas difícil e perigoso.